



**O
CIRCO
DA NOITE**

ERIN MORGENSTERN

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA



intrinsic

Copyright © 2010 Erin Morgenstern
Tradução publicada mediante acordo com Doubleday, um selo de
The Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão Random House, Inc.

Trecho da página 349 retirado de *A tempestade*, de William Shakespeare,
traduzido por Bárbara Heliodora, editora Lacerda, 1999.

TÍTULO ORIGINAL
The Night Circus

PREPARAÇÃO
Ana Kronemberger

REVISÃO
Taís Monteiro
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO
ô de casa

PROJETO GRÁFICO
Pei Loi Koay

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M848c

Morgenstern, Erin
O circo da noite / Erin Morgenstern ; tradução de Claudio
Carina. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

368p. : 23 cm
Tradução de: The night circus
ISBN 978-85-8057-160-8

1. Mágicos - Ficção. 2. Circos - Ficção. 3. Ficção fantástica.
4. Ficção americana. I. Carina, Claudio. II. Título.

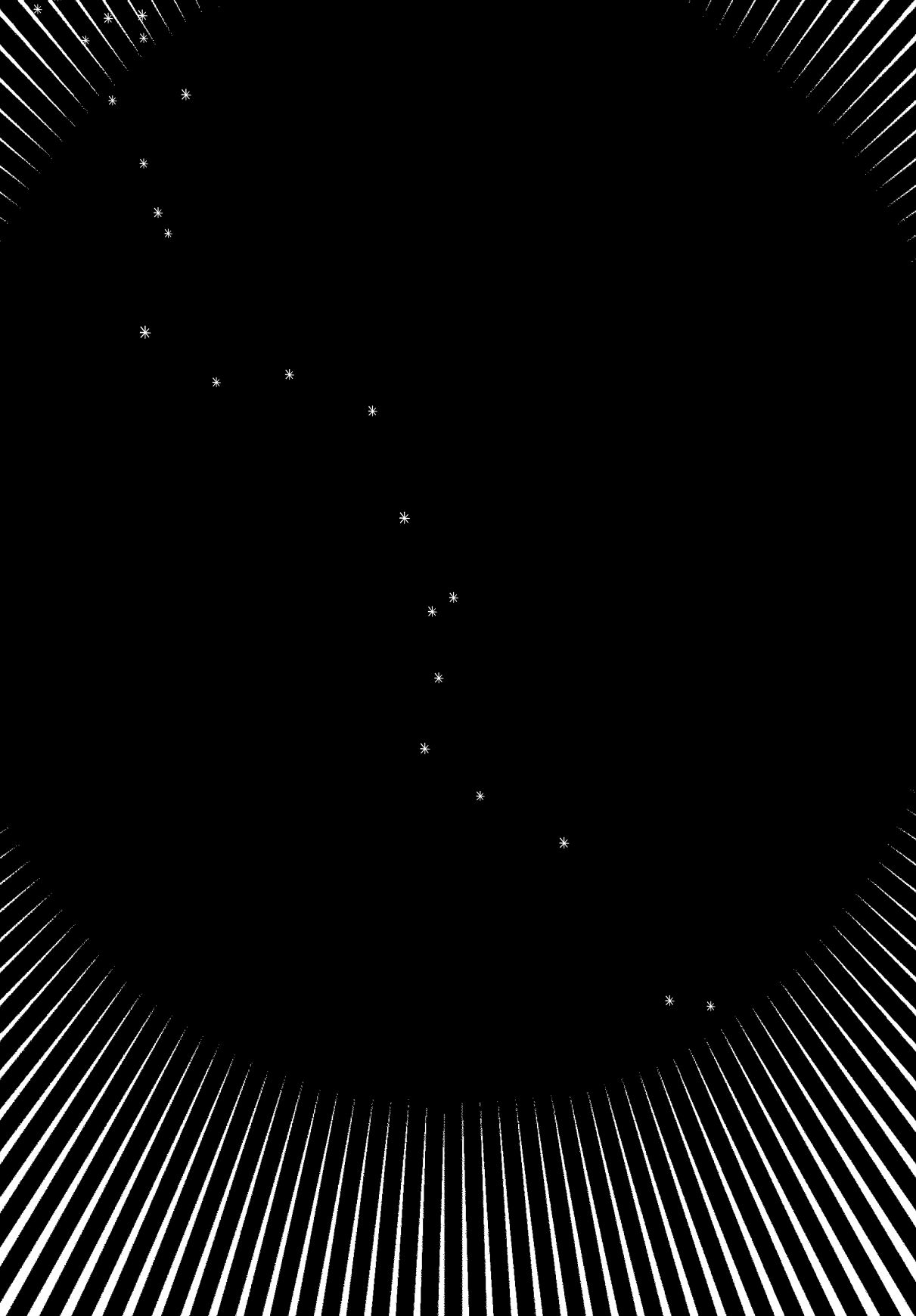
12-0126. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br







EXPECTATIVA



O circo chega sem aviso.

Nenhum anúncio o precede, nenhum cartaz em postes ou outdoor, nenhuma menção ou propaganda nos jornais locais. Simplesmente está lá, quando ontem não estava.

As tendas imponentes são listradas de preto e branco, sem dourados ou carmesins. Não há cor alguma, a não ser a das árvores mais próximas e a da grama nos campos ao redor. Listras pretas e brancas no céu cinzento; incontáveis tendas de vários formatos e tamanhos, e uma elaborada cerca de ferro forjado enclausurando-as em um mundo sem cor. Até o pouco de chão que é possível ver do lado de fora é preto e branco, pintado ou coberto com pó, ou tratado com algum outro truque circense.

Mas não está aberto ao público. Ainda não.

Em poucas horas todos na cidade já ouviram falar dele. À tarde a novidade espalhou-se por diversos lugarejos vizinhos. O boca a boca é um método de divulgação mais eficaz do que palavras impressas e pontos de exclamação em cartazes ou panfletos. O aparecimento súbito de um circo misterioso é uma notícia impressionante e incomum. As pessoas ficam maravilhadas com a surpreendente dimensão das tendas mais altas. Olham curiosas para o relógio atrás dos portões, que ninguém consegue descrever muito bem.

E para o cartaz preto pintado em letras brancas pendurado nos portões, que diz:

*Abre ao cair da noite
Fecha ao amanhecer*

“Que espécie de circo é esse que só abre à noite?” , todos se perguntam. Ninguém tem uma resposta adequada, mas, com a aproximação do crepúsculo, uma substancial multidão de espectadores reúne-se do lado de fora dos portões.

Você está entre eles, claro. Foi atraído pela curiosidade, como era de se esperar. Parado sob a luz cada vez mais difusa, o cachecol ao redor do pescoço o protege da brisa fria da noite, e ele aguarda para ver com os próprios olhos que espécie de circo abre apenas quando o sol se põe.

A bilheteria, bem visível atrás dos portões, está fechada e trancada. As tendas estão imóveis, a não ser quando ondulam levemente com o vento. A única movimentação dentro do circo é a do relógio que tiquetaqueia com o passar dos minutos, se é que aquela admirável escultura pode ser chamada de relógio.

O circo parece deserto e abandonado. Mas você acredita sentir um aroma caramelado flutuando na brisa noturna, sob o perfume fresco das folhas de outono. Uma doçura sutil nas fronteiras do frio.

O sol desaparece por completo além do horizonte, e a luminosidade muda do lusco-fusco para o crepúsculo. As pessoas ao seu redor estão ficando inquietas com a espera, um mar de pés se arrastando, murmúrios sobre desistir dessa ideia e sair em busca de algum lugar mais quente para passar a noite. Você mesmo já está pensando em ir embora quando afinal acontece.

Primeiro ouve-se um espocar. Quase imperceptível em meio ao vento e à conversa. Um chiado suave, como água na chaleira prestes a ferver para o chá. Depois vem a iluminação.

Pequenas luzes começam a tremeluzir em todas as tendas, como se o circo todo estivesse coberto por vaga-lumes muito brilhantes. A multidão à espera se cala para observar a dança das luzes. Alguém perto de você tem um sobressalto. Uma criancinha bate palmas de alegria diante daquela visão.

Quando todas as tendas estão iluminadas, cintilando sob o céu noturno, o letreiro aparece.

Estendidas no alto dos portões, escondidas nas curvas do ferro forjado, mais luzes brilhantes como vaga-lumes surgem. Estalando ao se iluminarem, algumas seguidas por chuvas de

faíscas brancas brilhantes e um pouco de fumaça. As pessoas mais próximas ao portão recuam.

De início, é apenas um padrão aleatório de luzes. Mas, à medida que outras se acendem, fica claro que estão alinhadas para formar letras. Primeiro distingue-se um *C*, seguido por outras letras. Um *q*, inesperado, e diversos *es*. Quando a última lâmpada estala e se acende, a fumaça e as faíscas se dissipam, tornando legível afinal o elaborado letreiro incandescente. Ao inclinar o corpo para a esquerda para enxergar melhor, você lê o que está escrito:

Le Cirque des Rêves

Algumas pessoas na multidão aquiescem sorrindo, outras franzem a testa e olham para os vizinhos com ar interrogativo. Uma criança perto de você puxa a manga da mãe, implorando para saber o que aquilo quer dizer.

“O Circo dos Sonhos” é a resposta. A garotinha sorri, encantada.

Os portões de ferro estremecem e se destrancam, como que por vontade própria. Abrem-se para fora, convidando a multidão a adentrar.

Agora o circo está aberto.

Agora você pode entrar.

Parte I

OS PRIMÓRDIOS

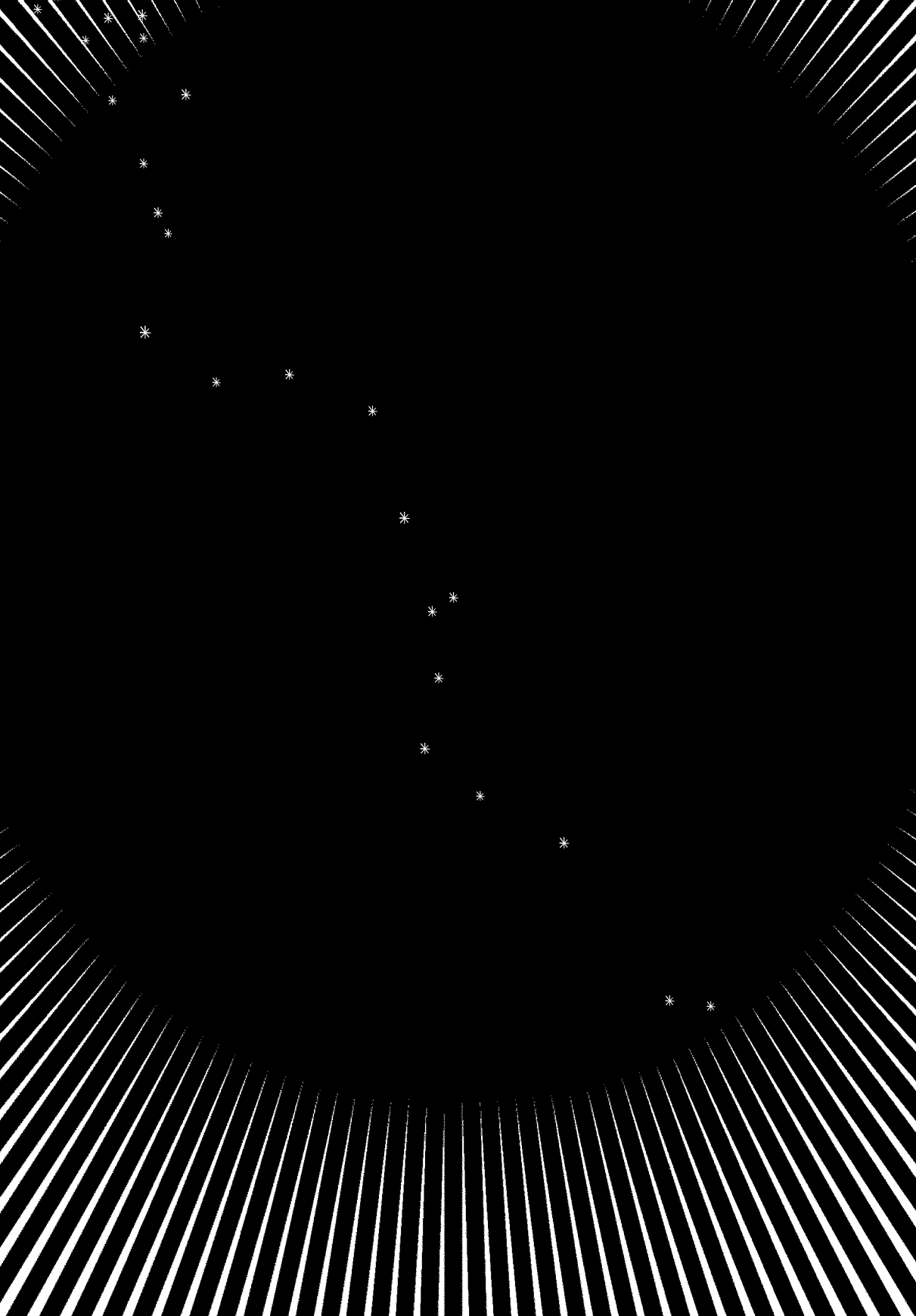


A área ocupada por Le Cirque des Rêves é formada por uma série de círculos. Talvez seja um tributo à origem da palavra “circo”, derivada do grego *kirkos*, que significa círculo, ou anel. São muitas as referências ao fenômeno do circo no sentido histórico, embora este não chegue a ser um circo tradicional. Em lugar de uma única tenda com picadeiros em seu interior, ele contém aglomerados de tendas como pirâmides, algumas grandes e outras bem pequenas. Dispostas entre caminhos circulares, encerradas em uma cerca. Circular e contínuo.

— FRIEDRICK THIESSEN, 1892

Um sonhador é alguém que só consegue encontrar seu caminho à luz da lua, e seu castigo é ver o amanhecer antes do resto do mundo.

— OSCAR WILDE, 1888



Uma entrega inesperada

NOVA YORK, FEVEREIRO DE 1873

O homem a quem chamavam de Próspero, o Mágico recebe uma boa quantidade de cartas no escritório do teatro, mas esse é o primeiro envelope endereçado a ele que contém um bilhete de suicídio, e é também o primeiro a chegar alfinetado com esmero no casaco de uma menina de 5 anos.

O advogado que a acompanha até o teatro se recusa dar qualquer explicação, apesar dos protestos do gerente, e abandona a criança o mais depressa que pode com não mais que um dar de ombros e um toque no chapéu.

O gerente do teatro não precisa ler o envelope para saber quem é a garota. Os olhos brilhantes que o observam debaixo de uma nuvem revolta de cachos castanhos são versões menores e mais indomáveis dos olhos do mágico.

Ele pega a menina pela mão, os pequenos dedos inertes entre os seus. Ela se recusa a tirar o casaco apesar do calor que faz no teatro, e apenas balança a cabeça, determinada, quando ele pergunta por quê.

O gerente a leva a seu escritório, sem saber o que mais fazer por ela. A menina senta-se em silêncio na desconfortável cadeira sob uma fileira de cartazes de produções passadas, cercada por caixas de ingressos e recibos. O gerente traz uma xícara de chá com um torrão de açúcar a mais que permanece em cima da mesa, intocada, até esfriar.

A garota não se mexe, nem sequer tamborila na cadeira. Permanece absolutamente imóvel com as mãos cruzadas no colo. Olha fixamente para o chão, fitando suas botas, que não chegam a tocar o assoalho. Uma das pontas está um pouco arranhada, mas os cadarços estão amarrados em laços perfeitos.

O envelope fechado pende do segundo botão do seu casaco até que Próspero chega.

Ela o ouve antes de a porta abrir, seus passos pesados ecoando pelo corredor, diferentes do andar comedido do gerente, que vai e volta várias vezes, silencioso como um gato.

— Tem também um... pacote para o senhor — diz o gerente ao abrir a porta, conduzindo o mágico para dentro do escritório abarrotado antes de se

esgueirar para fora a fim de cuidar de outros assuntos do teatro, sem nenhuma vontade de testemunhar o resultado daquele encontro.

O mágico observa o lugar, uma pilha de cartas em uma das mãos, uma capa de veludo negro com forro de seda ofuscantemente branco cascadeando atrás dele, esperando ver uma caixa embrulhada em papel ou um caixote. Só quando a garota o encara com os olhos dele mesmo, o mágico percebe ao que se referia o gerente do teatro.

A reação imediata de Próspero, o Mágico ao encontrar sua filha é uma simples declaração:

— Ah, que merda.

A menina volta a atenção para as próprias botas.

O mágico fecha a porta, larga a pilha de cartas na mesa, ao lado da xícara de chá, e olha para a garota.

Arranca o envelope do casaco dela, deixando o alfinete pendurado imperturbável em seu botão.

Enquanto a inscrição na frente do envelope traz o seu nome artístico e o endereço do teatro, o texto na carta o saúda com seu nome de batismo, Hector Bowen.

Passa os olhos pelo conteúdo sem demonstrar o impacto emocional desejado pela autora. Faz uma pausa no único fato que considera relevante: a garota deixada agora sob sua custódia é, obviamente, sua filha, e seu nome é Celia.

— Ela deveria ter chamado você de Miranda — diz com uma risadinha o homem conhecido como Próspero, o Mágico. — Acho que não foi inteligente o bastante para pensar nisso.

A criança olha para ele outra vez. Olhos escuros semicerrados sob os cachos.

A xícara sobre a mesa começa a tremer. Ondulações perturbam a calma superfície do líquido enquanto rachaduras percorrem o esmaltado, e a xícara se esfacela em cacos de porcelana florida. O chá frio transborda pelo pires e pinga no chão, deixando trilhas pegajosas na madeira encerada.

O sorriso do mágico desaparece. Ele olha outra vez para a mesa com a testa franzida, e o chá entornado começa a voltar. Os pedaços rachados e quebrados recompõem-se em torno do líquido até que a xícara esteja completa outra vez, com delicadas espirais de fumaça subindo no ar.

A garota olha para a xícara, os olhos arregalados.

Hector Bowen segura o rosto da filha com a mão enluvada e avalia sua expressão por um momento antes de soltá-la, os dedos deixando alongadas marcas vermelhas em suas bochechas.

— Talvez você seja interessante — diz.

A menina não responde.

Ele faz diversas tentativas de mudar o nome da garota nas semanas seguintes, mas ela se recusa a atender a qualquer nome que não seja Celia.

VÁRIOS MESES DEPOIS, quando decide que ela está pronta, o mágico escreve uma carta. Não coloca nenhum endereço, mas a correspondência assim mesmo chega ao seu destino, do outro lado do oceano.

Uma aposta entre cavalheiros

LONDRES, OUTUBRO DE 1873

Esta noite é a última apresentação de um espetáculo muito seletivo. Faz algum tempo que Próspero, o Mágico não dá o ar de sua graça nos palcos de Londres, e as reservas são para apenas uma única semana de apresentações, sem matinês.

Embora a preços exorbitantes, os ingressos logo se esgotaram e o teatro está lotado, com muitas mulheres abanando os decotes com seus leques para afastar o calor opressivo que paira no ar apesar do frescor outonal do lado de fora.

Em algum momento da noite, todos aqueles leques de repente vão se transformar em passarinhos, até que alguns deles rodopiarão pelo teatro e serão estrepitosamente aplaudidos. Quando os pássaros regressam, caindo na forma de leques impecavelmente dobrados nos colos de suas respectivas donas, os aplausos aumentam ainda mais, embora algumas damas estejam muito atordoadas para bater palmas, virando os leques de penas e renda com admiração, não mais preocupadas com o calor.

O homem de terno cinza no camarote à esquerda do palco não aplaude. Nem a esse nem a nenhum outro truque durante toda a noite. Observa o sujeito no palco com um olhar firme e avaliador que não se desvia durante todo o espetáculo. Nem uma vez ele levanta as mãos enluvadas para bater palmas. Nem ao menos ergue as sobancelhas diante de façanhas que evocam aplausos ou espanto, ou até um ocasional grito de surpresa, do restante da plateia arrebatada.

Quando a apresentação termina, o homem de terno cinza passa com facilidade por entre a multidão de espectadores no saguão do teatro. Esgueira-se por uma porta cortinada que leva aos camarins sem ser notado. Contrarregras e camareiras nem chegam a olhar para ele.

Ele bate apenas uma vez à porta ao final do corredor com a ponteira de prata de sua bengala.

A porta abre-se sozinha, revelando um vestiário abarrotado coberto de espelhos, cada um refletindo um ângulo diferente de Próspero.

A casaca do mágico está jogada displicentemente no braço de uma poltrona de veludo, e o colete pende desabotoado sobre a camisa com acabamento de renda. A cartola, cuja participação tem destaque no espetáculo, repousa numa chapeleira ali perto.

O homem parecia mais jovem no palco, sua idade encoberta pelo clarão dos holofotes e pelas camadas de maquiagem. O rosto no espelho é enrugado, o cabelo mostra tons pronunciados de cinza. Mas há algo de jovial no sorriso que surge quando vislumbra o homem em pé no corredor.

— Você detestou, não é? — pergunta sem se virar, dirigindo-se ao fantasmagórico reflexo cinzento. Remove o grosso resíduo de pó do rosto com um lenço que talvez um dia tenha sido branco.

— É um prazer ver você também, Hector — diz o homem de terno cinza, fechando silenciosamente a porta atrás de si.

— Você detestou cada minuto, eu sei — continua Hector Bowen com uma risada. — Eu estava observando você, não tente negar.

Ele se vira e estende a mão, mas o homem de terno cinza não a aceita. Como resposta, Hector dá de ombros e movimenta os dedos de forma dramática em direção à parede oposta. A poltrona de veludo desliza para a frente emergindo de um canto amontoado de baús e cachecóis enquanto a casaca paira como uma sombra, pendurando-se obediente em um guarda-roupa.

— Sente-se, por favor — diz Hector. — Mas receio que não seja tão confortável quanto as lá de cima.

— Não posso dizer que aprovo tais exposições — comenta o homem de terno cinza, tirando as luvas e espanando o pó da poltrona antes de se sentar. — Fazer manipulações passarem por truques e ilusões. Cobrar ingressos.

Hector joga o lenço sujo sobre uma mesa repleta de pincéis e latinhas de maquiagem.

— Ninguém naquela plateia acredita nem por um segundo que o que faço lá na frente é real — diz com um gesto vago na direção do palco. — Essa é a beleza de tudo. Você já viu as engenhocas que esses *mágicos* constroem para conseguir as façanhas mais banais? São um bando de peixes cobertos de penas tentando convencer o público de que podem voar, e eu sou apenas um pássaro entre eles. A plateia não percebe a diferença, sabe apenas que eu sou melhor nisso.

— Isso não torna o esforço menos frívolo.

— Essas pessoas fazem fila para serem enganadas — continua Hector. — Eu posso iludi-las com mais facilidade que a maioria. Parece um desperdício deixar passar uma oportunidade como essa. E o pagamento é melhor

do que você poderia pensar, aliás. Quer beber alguma coisa? Tenho algumas garrafas escondidas em algum lugar por aqui, mas não tenho certeza se há copos. — Vasculha uma mesa, afastando pilhas de jornais e uma gaiola sem pássaro dentro.

— Não, obrigado — responde o homem de terno cinza, acomodando-se na poltrona e descansando as mãos no castão da bengala. — Achei sua performance curiosa, e a reação de sua plateia foi de certa forma surpreendente. Mas falta precisão.

— Eu não posso ser muito bom se quiser que eles acreditem que sou uma fraude como todos os outros — retruca Hector com uma risada. — Obrigado por ter vindo e sofrido durante o meu espetáculo. Estou até surpreso por ter aparecido. Estava começando a perder as esperanças. Reservei aquele camarote para você a semana toda.

— Eu não costumo recusar convites. Em sua carta, você dizia ter uma proposta para mim.

— Sim, realmente! — responde Hector, juntando as mãos como num aplauso. — Eu tinha esperança de que você estivesse disponível para um jogo. Faz muito tempo que nós não jogamos. Mas antes você precisa conhecer o meu novo projeto.

— Tive a impressão de que você tinha desistido de ensinar.

— Tinha mesmo, mas surgiu uma oportunidade especial a que eu não pude resistir. — Hector caminha até uma porta quase escondida por um espelho alto. — Celia, querida — chama no aposento ao lado antes de voltar a sua cadeira.

Instantes depois uma garotinha aparece na porta, bem-vestida demais para o ambiente mambembe e caótico. Toda enfeitada de laços e renda, perfeita como uma boneca recém-comprada, a não ser por alguns cachos rebeldes que escapam das tranças. Ela hesita, parando no umbral, ao ver que o pai não está sozinho.

— Está tudo bem, querida. Entre, entre — tranquiliza Hector, chamando-a com um gesto de mão. — Este é um colega meu, não precisa ficar acanhada.

A garota dá alguns passos e executa uma reverência perfeita, a barra rendada do vestido roçando o desgastado assoalho de madeira.

— Esta é minha filha, Celia — diz Hector ao homem de terno cinza, colocando a mão na cabeça da garota. — Celia, este é Alexander.

— Prazer em conhecê-lo — diz ela. Sua voz é pouco mais audível que um sussurro, e mais grave do que se poderia esperar de uma garota daquele tamanho.

O homem de terno cinza faz um aceno educado.

— Gostaria que mostrasse a este cavalheiro o que você é capaz de fazer — diz Hector. Ele tira do colete um relógio de prata preso a uma longa corrente e o põe sobre a mesa. — Vá em frente.

Os olhos da garota arregalam-se.

— Você disse que eu não devia fazer isso na frente de ninguém — responde. — Você me fez prometer.

— Este cavalheiro não é qualquer um — replica Hector com uma risada.

— Você disse que não havia exceções — protesta Celia.

O sorriso do pai desaparece. Ele pega a filha pelos ombros e a encara com severidade.

— Este é um caso muito especial — diz. — Por favor, mostre a este homem o que você faz, como nas aulas. — Empurra a garota em direção à mesa em que está o relógio.

A garota assente com gravidade e volta a atenção para o relógio, as mãos cruzadas às costas.

Após um tempo, o relógio começa a girar lentamente, fazendo círculos na superfície da mesa, arrastando a corrente numa espiral.

Depois o relógio ergue-se da mesa, flutuando no ar e pairando como se boiasse.

Hector olha para o homem de terno cinza à procura de uma reação.

— Impressionante — comenta o homem. — Mas é bem básico.

A testa de Celia franze-se sobre seus olhos escuros e o relógio se despedaça, as peças espalhando-se pelo ar.

— Celia — intervém o pai.

A garota enrubescce ao tom áspero do pai e murmura um pedido de desculpa. As peças voltam flutuando para o relógio, encaixando-se em seus lugares até que o objeto esteja inteiro outra vez, tiquetaqueando os segundos como se nada tivesse acontecido.

— Isso foi um pouco mais impressionante — admite o homem de terno cinza. — Mas ela é geniosa.

— Ela é jovem — acrescenta Hector, acariciando a cabeça de Celia e ignorando sua cara fechada. — Não faz nem um ano que está estudando, e quando crescer será incomparável.

— Eu poderia pegar qualquer criança de rua e ensinar a mesma coisa. Incomparável é uma questão de opinião, que pode ser facilmente contestada.

— Ah! — exclama Hector. — Então você está disposto a jogar.

O homem de terno cinza hesita só um momento antes de balançar a cabeça em um gesto afirmativo.

— Se for algo um pouco mais complexo do que a última vez, sim, eu poderia estar interessado — responde. — É possível.

— É claro que será mais complexo! — enfatiza Hector. — Eu tenho um talento natural para jogar. E não vou desperdiçar *isso* em uma aposta simples.

— Talento natural é um fenômeno questionável. Inclinação, talvez, mas habilidade inata é extremamente rara.

— Ela é minha filha, é claro que tem habilidades inatas.

— Você admite que ela já teve algumas aulas — comenta o homem de terno cinza. — Como pode ter certeza?

— Celia, quando começaram suas aulas? — pergunta Hector, sem olhar para a menina.

— Em março — responde.

— De que ano, querida? — acrescenta Hector.

— Deste ano — replica Celia, como se fosse uma pergunta particularmente estúpida.

— Oito meses de aulas — esclarece Hector. — Com apenas 6 anos. Se me lembro bem, você às vezes começa com alunos ainda mais novos. Celia está bem mais adiantada do que estaria se não tivesse uma habilidade natural. Ela conseguiu levitar este relógio na primeira tentativa.

O homem de terno cinza volta a atenção para Celia.

— Você quebrou aquilo por acidente, não foi? — pergunta, indicando com o rosto o relógio sobre a mesa.

Celia franze a testa e confirma com o mais discreto dos gestos de cabeça.

— Ela tem um controle notável para alguém tão novo — comenta com Hector. — Mas esse tipo de temperamento é sempre uma variável infeliz. Pode levar a um comportamento impulsivo.

— Ou ela supera isso ou aprende a se controlar. É um pequeno detalhe.

O homem de terno cinza mantém os olhos na garota, mas se dirige a Hector ao falar. Aos ouvidos de Celia, os sons não se traduzem em palavras, e ela faz cara feia quando a resposta do pai apresenta as mesmas características confusas.

— Você apostaria sua própria filha?

— Ela não vai perder — replica Hector. — Sugiro que você encontre um aluno de quem aceite se separar, se é que já não tem algum dispensável.

— Imagino que a mãe dela não tenha uma opinião sobre o assunto.

— Sua suposição é correta.

O homem de terno cinza observa a garota por algum tempo antes de voltar a falar, e mais uma vez ela não compreende as palavras.

— Entendo a sua confiança nas aptidões dela, mas devo recomendar que ao menos considere a possibilidade de perdê-la, se a competição não a favorecer. Vou encontrar um jogador que represente um desafio para ela. Não haveria razão para eu concordar em participar se não fosse assim. A vitória dela não pode ser dada como certa.

— É um risco que estou disposto a correr — responde Hector sem nem mesmo olhar para a filha. — Se quiser tornar isso oficial aqui e agora, pode ir em frente.

O homem de terno cinza olha mais uma vez para Celia e, dessa vez, quando ele fala, ela entende as palavras.

— Muito bem — concorda com um aceno de cabeça.

— Ele fez com que eu não conseguisse entender — resmunga Celia quando o pai se vira em sua direção.

— Eu sei, querida, e não foi muito educado — diz Hector enquanto a encaminha para perto da poltrona, onde o homem a analisa com olhos quase tão claros e cinzentos quanto o seu terno.

— Você sempre foi capaz de fazer essas coisas? — pergunta ele, voltando a olhar para o relógio.

Celia assente com um gesto de cabeça.

— Minha... minha mãe dizia que eu era filha do diabo — responde em voz baixa.

O homem de terno cinza inclina-se e sussurra alguma coisa em seu ouvido, baixo demais para o pai ouvir. Um pequeno sorriso ilumina o rosto da garota.

— Estenda sua mão direita — pede ele, recostando-se na poltrona. Celia imediatamente estende a mão, palma para cima, sem saber o que esperar. Mas o homem de terno cinza não põe nada em sua mão aberta. Em vez disso, retira um anel de prata do próprio dedo mínimo. Coloca-o no anular da garota, embora seja largo demais para seus dedos finos, e mantém a outra mão em torno da cintura dela.

A garota está abrindo a boca para mencionar o fato óbvio de que o anel é grande demais, apesar de ser muito bonito, quando percebe que ele está encolhendo em sua mão.

Sua satisfação passageira com o ajuste é esmagada pela dor que se segue quando o anel continua a apertar seu dedo, o metal queimando a pele. Tenta afastar-se, mas o homem de terno cinza mantém a mão firme em torno da cintura dela.

O anel encolhe e desaparece, deixando apenas uma cicatriz avermelhada ao redor do dedo de Celia.

O homem de terno cinza solta a menina e ela dá um passo para trás, retira-se para um canto e examina a própria mão.

— Muito bem, garota — comenta o pai.

— Vou precisar de algum tempo para preparar um jogador do meu jeito — diz o homem de terno cinza.

— É claro — concorda Hector. — Você terá o tempo de que precisar. — Tira um anel de ouro da própria mão e o deposita em cima da mesa. — Para quando você encontrar o seu.

— Você não prefere fazer as honras pessoalmente?

— Eu confio em você.

O homem de terno cinza balança a cabeça e tira um lenço do paletó, pegando o anel sem tocá-lo e guardando-o no bolso.

— Espero que não esteja fazendo isso só porque meu jogador venceu o nosso último desafio.

— É claro que não — responde Hector. — Estou fazendo isso porque tenho uma jogadora que pode vencer qualquer um que você puser contra ela, e porque os tempos mudaram bastante para tornar isso interessante. Além disso, acredito que o placar geral tende a meu favor.

O homem de terno cinza não contesta aquela afirmação, apenas observa Celia com o mesmo olhar inquisidor. Ela tenta sair de seu campo de visão, mas a sala é pequena demais.

— Imagino que você já tenha um local em mente — pergunta.

— Não exatamente — responde Hector. — Achei que seria mais divertido deixar o local em aberto. Um elemento-surpresa, se preferir. Conheço um produtor teatral aqui em Londres que poderia organizar as excentricidades. Vou dar algumas indiretas quando chegar a hora, e estou certo de que ele vai pensar em algo apropriado. Melhor manter tudo em solo neutro, embora eu acredite que você poderia gostar de começar as coisas em seu território.

— E o nome desse cavalheiro?

— Lefèvre. Chandresh Christophe Lefèvre. Dizem que é filho ilegítimo de um príncipe hindu ou algo assim. A mãe era uma bailarina biscate. O cartão dele está em algum lugar nessa bagunça. Você vai gostar dele, é um tipo bem de vanguarda. Rico, excêntrico. Um pouco obsessivo, meio imprevisível, mas acho que isso faz parte de um temperamento artístico. — A pilha de papéis sobre uma mesa próxima agita-se até um único cartão de visita vir à tona e flutuar pela sala. Hector pega o cartão e o lê antes de entregá-lo ao homem de terno cinza. — Ele organiza festas maravilhosas.

O homem de terno cinza guarda o cartão no bolso sem nem ao menos olhar.

— Nunca ouvi falar dele — comenta. — E não aprecio exposições públicas. Vou pensar a respeito.

— Bobagem, metade da diversão é a exposição pública! Provoca tantas restrições, tantos parâmetros desafiadores com que se trabalhar...

O homem de terno cinza pensa um momento antes de balançar a cabeça.

— Nós temos uma cláusula de não confidencialidade? Seria justo, dado o meu conhecimento da sua escolha do jogador.

— Vamos deixar de lado quaisquer cláusulas além das regras básicas de interferência e ver o que acontece — diz Hector. — Estou querendo ir além dos limites desta vez. Sem prazo, também. Vou até lhe dar uma vantagem.

— Muito bem. Estamos combinados. Entrarei em contato. — O homem de terno cinza levanta-se e remove um pó invisível da manga. — Foi um prazer conhecê-la, Srta. Celia.

Celia faz outra reverência perfeita, sempre o observando com olhos alertas.

O homem de terno cinza toca no chapéu ao se despedir de Próspero, esgueira-se pela porta e depois para fora do teatro, movendo-se como uma sombra pela rua movimentada.

NO CAMARIM, Hector Bowen ri consigo mesmo enquanto a filha examina em silêncio a cicatriz na mão. A dor desaparecera tão rapidamente quanto o anel, mas a marca crua e avermelhada permanecera.

Hector pega o relógio de bolso de prata na mesa, comparando seu horário com o que fica na parede. Dá corda devagar, observando com atenção os ponteiros moverem-se pelo mostrador.

— Celia — começa a falar sem olhar para ela —, por que precisamos dar corda em nossos relógios?

— Porque tudo precisa de energia — recita ela, obediente, os olhos ainda focados na própria mão. — Temos que empregar esforço e energia em qualquer coisa que desejemos mudar.

— Muito bem. — Ele balança o relógio com delicadeza e o guarda no bolso.

— Por que você chamou o homem de Alexander? — pergunta Celia.

— Essa é uma pergunta boba.

— Não é o nome dele.

— Ora, ora, como você poderia saber disso? — pergunta Hector à filha, erguendo seu queixo para que ela o encare e comparando os olhos escuros dela com os seus.

Celia devolve seu olhar, sem saber como explicar. Repassa em sua memória as impressões do homem de terno cinza, com seus olhos claros e feições duras, tentando entender por que o nome não combina com ele.

— Não é um nome de verdade — responde. — Não é o nome que sempre teve. É um nome que ele usa como um chapéu. E pode tirar quando quiser. Como Próspero para você.

— Você é ainda mais esperta do que eu poderia esperar — observa Hector, sem se dar o trabalho de discordar ou confirmar suas considerações sobre o nome do seu colega. Tira a cartola da chapeleira e a põe na cabeça da menina, ocultando seus olhos indagadores sob uma prisão de seda negra.